



O Valor Social no Atendimento Psicológico Clínico

Ivan Castilhos Lumertz¹; Amanda Castro²

Resumo: O atendimento psicológico clínico por muito tempo foi considerado privilégio das classes elitistas, e essa resistência ainda permeia em nossa sociedade, buscou-se então analisar o valor social no atendimento psicológico clínico, principalmente na visão de acadêmicos ou recém-formados do curso de psicologia, verificando o que compreendiam por valor social na psicoterapia. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva e a coleta de dados se deu por um questionário *online* pelo Google Forms, havendo 4 itens fechados e 7 itens abertos, tendo participação de 52 respondentes, e o método para análise dos dados foi por meio da estatística descritiva dos itens de caracterização e análise de similitude dos itens da associação livre, utilizando o software *IrAmUteQ*. Nos itens abertos, também foi realizado análise de conteúdo, entendendo o contexto do sentido das afirmações. Como resultados é possível destacar que o atendimento à valor social é importante, ponto de favorabilidade apresentado por 73,1% dos participantes, mas que essa prática pode ser uma desvalorização da profissão, visto que existe um alto investimento de tempo e valor, ponto de desfavorabilidade apresentado por 23,1% dos participantes e isso pode implicar em um exercício limitado que merece ser repensado pelos profissionais da psicologia.

Palavras chaves: Valor Social; Psicologia; Atendimento Psicológico Clínico; Sociedade.

The Social Value in Clinical Psychological Care

Abstract: Clinical psychological care has long been considered a privilege of elitist classes, and this resistance still permeates our society, so we sought to analyze the social value in clinical psychological care, especially in the view of academics or recent graduates of the psychology course, verifying what they understood by social value in psychotherapy. This is a descriptive exploratory research and data collection was done through an online questionnaire through Google Forms, with 4 closed items and 7 open items, with the participation of 52 respondents, and the method for data analysis was through statistics descriptive of the characterization items and similarity analysis of the items of the free association, using the *IrAmUteQ* software. In the open items, content analysis was also carried out, understanding the context of the meaning of the statements. As a result, it is possible to highlight that

¹ Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc. ivan_lumertz@hotmail.com;

² Doutora em Psicologia (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) – Orientadora. amandacastro@gmail.com.

meeting social value is important, a point of favorability presented by 73.1% of the participants, but that this practice can be a devaluation of the profession, since there is a high investment of time and value, unfavorability presented by 23.1% of the participants and this may imply a limited exercise that deserves to be rethought by professionals in psychology.

Keywords: Social Value; Psychology; Clinical Psychological Care; Society.

Introdução

Com uma visão capitalista e sendo essa uma forma de viver na sociedade que cada vez fica mais impregnada na visão de mundo das pessoas, inclusive dos profissionais, com base no que Martín-Baró (1996) apresenta em seu artigo, poderíamos dizer, e com razão, que todas as profissões em nossa sociedade se encontram a serviço da ordem estabelecida, e que, nesse sentido, nossa profissão, a psicologia, não seria uma exceção (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Na atualidade o dinheiro pode ser compreendido como um meio para o alcance do sucesso, ou como uma forma de demonstrar que você é bem-sucedido, o profissional que cobra mais seria considerado aquele que tem mais sucesso. Esse dado é confirmado pela pesquisa de Carneiro, Franco e Barbiéri (2016), que investigaram a representação de dinheiro para universitários. Os universitários entrevistados trouxeram o dinheiro como uma forma de sobrevivência, de oportunidades na vida, sendo que aquele que possui dinheiro é considerado como destemido e ágil. Os participantes ainda mencionaram que, quem tem pouco dinheiro é acomodado ou fracassado (CARNEIRO *et al*, 2016).

A responsabilidade em torno do ganho do dinheiro não pode recair sobre o indivíduo exclusivamente. A vulnerabilidade social é decorrente da estrutura das sociedades capitalistas que gratificam aquele que ganha mais e retira daquele que ganha menos. Desse modo, esse sistema faz com que aqueles que fracassam tenham mais chance de continuarem fracassando porque contam com menor recurso material e pouco apoio psicológico (SINGER, 2002).

Em relação ainda à vulnerabilidade social, importante destacar que entre as críticas que são feitas com maior frequência aos psicólogos da América Central está a de que a maioria dedica sua atenção predominante, quando não exclusiva, aos setores sociais mais ricos, vistos como privilegiados (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Essa crítica se estende à profissão em si, e também direcionada ao Brasil, tendo em vista o contexto de desigualdade social vigente, bem como à formação de Psicologia, que privilegia à prática clínica em detrimento ao atendimento social. Bock (1999) nos alerta que

não perceber as limitações sociais de nosso trabalho ou mesmo, pior ainda, camuflar isto com justificativas de que sofrimento psíquico é igual para todos (ricos e pobres) é algo que não se pode mais aceitar, visto que não podemos mais falar de mundo psicológico sem considerar o mundo social e cultural (BOCK, 1999).

Temos uma identidade profissional que reflete a prática importante que temos tido, porém elitista, restrita, pouco diversificada e colada às necessidades e demandas de setores dominantes de nossa sociedade. Uma minoria que, possuindo condições de comprar nossos serviços, foi por muito tempo a única usuária deles. Queremos agora dar a volta por cima e construir uma profissão identificada com as necessidades da maioria da população brasileira, uma maioria que sofre, dadas as condições de vida que possui; uma maioria que luta, dadas as condições de vida que possui. Identificar-se com as necessidades de nosso povo e acompanhar o movimento destas necessidades, sendo capazes de construirmos, sempre e permanentemente, respostas técnicas e científicas. É este o nosso desafio (BOCK, 1999, p. 328).

Por ser uma ideia muito impregnada em nossa visão de mundo, atrelamos muito o profissionalismo ao dinheiro, o quanto se terá de retorno pelo serviço prestado, nos fazendo pensar que o sucesso profissional será medido pelo valor em dinheiro recebido, sem levar em consideração todos os outros fatores que culminam no alcance do sucesso. O êxito técnico refere-se, sem dúvida, a um sucesso, mas um sucesso em relação a um "como" fazer. De fato, o sujeito tem um alto investimento para se constituir como profissional da psicologia, porém isso não será determinante para a qualidade do serviço desenvolvido e automaticamente o valor a ele intitulado, seja de qualidade ou de pagamento. O exercício da subjetividade, em que o profissional se dispõe dialogicamente, não se dá como reiteração do que já é, como mesmice, mas como trocas e mudanças. A relação é, neste caso, intersubjetiva, em que o profissional, que já é técnico, já se vale da ciência e das tecnologias como a tradição da técnica, reage criticamente a essa tradição, pois se modifica como sujeito e modifica sua ação pelo que recebe do outro com quem interage, por isso é muito significativo a reflexão sobre sucesso versus valores (SCHRAIBER, 2011).

Partindo desse pressuposto, poderíamos dizer que a visão está um tanto distorcida e que os profissionais precisariam se conscientizar melhor frente a essa situação que enfrentam, pois como apresenta Martín-Baró (1996) a conscientização não consiste, portanto, em uma simples mudança de opinião sobre a realidade, em uma mudança da subjetividade individual que deixe intacta a situação objetiva; a conscientização supõe uma mudança das pessoas no processo de mudar sua relação com o meio ambiente e, sobretudo, com os demais (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Não há saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado com um saber transformador sobre a realidade, mas não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos (MARTÍN-BARÓ, 1996, p. 17).

A relação de compromisso da psicologia com a sociedade precisa passar por uma ação transformadora da realidade, levando em consideração o que se busca oferecer perante uma realidade social onde o valor cobrado acaba sendo um determinante no serviço prestado, pois sabemos que a psicologia tem o potencial de transformação, como salienta Bock (1999) quando diz que quer uma psicologia que se metamorfoseie o tempo todo, acompanhando as mudanças da realidade social de nosso país. Não podemos querer uma Psicologia que seja a cristalização de uma mesmice. Se entendermos que a identidade é movimento, é metamorfose, devemos entender que a identidade profissional nunca estará pronta; nunca terá uma definição. Estará sempre acompanhando o movimento da realidade, sendo necessária a conscientização (BOCK, 1999).

Para viver a realidade é preciso bravura e estar disposto a desacomodar para buscar melhorias, sendo assim, a conscientização está evidentemente ligada à utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para sermos anunciadores e denunciadores, isso se dá pelo compromisso de transformação que assumimos perante a sociedade e realidade. Mas esta posição de transformação deve ser permanente: a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos e estagnamos (FREIRE, 1979).

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “desvela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (FREIRE, 1979, p. 16).

No momento em que a conscientização começa a acontecer, a estrutura da sociedade também se reconfigura, permitindo assim que as pessoas estabeleçam relações mais abertas e com mais clareza. Tornar a sociedade mais unida, sem que as classes econômicas ou algum tipo de poder interfira no bem comum e no viver bem, visto que se tem os saberes necessários

para que isso de fato aconteça. Existem as chamadas sociedades abertas, que são aquelas que possuem uma relação mais direta entre elite e população em geral, o contexto é levado em conta na efetivação das ações, existe aí uma maior autoconfiança de seu povo, bem como fomento de espaços para uma participação ajustada no diálogo. Como resultado disso, é possível observar uma população mais dialógica, o povo participa de seu processo histórico, e que, de fato, volta-se para uma compreensão e transformação mais profunda de suas questões (GÓIS, 2005).

Em direção às sociedades abertas, o trabalho profissional do psicólogo deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a que deve atender. Independentemente de onde estiver atuando, o profissional deve levar muito em conta a maneira como está atuando e para quem está disponibilizado a qualidade do serviço. Buscar reconhecimento não apenas pelo valor, propriamente dito, recebido em um atendimento, mas sim o grande e real significado na vida do paciente. Martín-Baró (1996) já deixava claro que aceitar a conscientização como horizonte não exige tanto mudar o campo de trabalho, mas a perspectiva teórica e prática a partir da qual se trabalha (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Atender quem pode pagar caro pelo serviço prestado seria muito fácil, mas seria como se o psicólogo só se importasse com a vida de quem pode pagar. Precisamos nos tornar capazes de criar Psicologia, adaptando nossos saberes à demanda e à realidade que nos é apresentada. Assumir um compromisso social em nossa profissão é estar voltado para uma intervenção crítica e transformadora de nossas condições de vida. É estar comprometido com a crítica desta realidade a partir da perspectiva de nossa ciência e de nossa profissão (BOCK, 1999).

Martín-Baró (1996) apresenta a colocação de Whitford (1985, p. 14) onde diz que o imperativo de examinar não só o que somos, mas o que poderíamos ter sido, e sobretudo, o que deveríamos ser frente às necessidades de nossos povos, independentemente de contarmos ou não com modelos para isso (MARTÍN-BARÓ, 1996).

Nesse sentido, que psicólogos queremos ser? Psicólogos elitistas? Um grande fator determinante nesse desequilíbrio, de valor cobrado versus classes econômicas usuárias do serviço de psicologia clínica, é que ao longo da formação se tem toda uma estrutura para passar os saberes teóricos e práticos do profissional da psicologia e se deixa a desejar o assunto “honorário”. Isso pode ser confirmado pela pesquisa realizada por Gross e Teodoro (2009), onde os resultados apontam para os déficits na formação acadêmica e profissional frente ao tema “honorários na prática clínica” e consequente, despreparo referente a realidade

no início de sua vida profissional, pois além das dificuldades naturais de um início de carreira, a ausência de discussão sobre este tema na graduação, prejudica a entrada do profissional no mercado de trabalho (GROSS; TEODORO, 2009).

O investimento de tempo e também financeiro na formação profissional é uma preocupação sempre muito presente, já que se espera ter esse retorno no momento em que a atuação do profissional aconteça. Frente a isso pode ocorrer um equívoco em reconhecimento, valorização e consequentemente retorno financeiro, equívoco esse que poderia ser melhor sanado desde o momento da graduação, pois como nos apresenta Zimmermann (1999) diversos são os aspectos que compõe o relacionamento entre psicoterapeuta e o paciente, dentre eles está à cobrança de honorários. Entretanto, este ainda é um tema negligenciado, minimizado ou evitado ao longo da formação de um profissional (DE OLIVEIRA; MALGARIN, 2013).

Sendo assim, são diversos os fatores a serem observados para a atuação de um profissional da psicologia, visto que o mesmo estará recebendo pacientes de nossa sociedade, seja na prática clínica, seja em projetos sociais. O que gostaria de destacar, é a real importância que se deve ter com aquele que irá em busca do serviço prestado e também o compromisso em atuar com responsabilidade de fazer a diferença e não apenas uma troca de serviço, pois a psicologia tem como foco contribuir para o desenvolvimento da área como ciência e profissão, na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições, esse é o juramento feito no ato de receber o título de profissional da psicologia e talvez seja algo a ser lembrado!

Metodologia

De acordo com os objetivos gerais, segundo Selltiz *et al.* (1967), citado no livro “Métodos e técnicas de pesquisa social”, as pesquisas são divididas em três grandes grupos, nos quais elas podem ser classificadas como exploratórias, descritivas ou explicativas. Esta pesquisa teve como objetivo, compreender a percepção de acadêmicos de psicologia acerca do atendimento psicológico à valor social, sendo assim foi uma pesquisa exploratória descritiva (GIL, 2008, p. 27).

A coleta de dados se deu a partir de um questionário que foi auto aplicado *online* pela plataforma Google *Forms* e foi disponibilizado pela rede social *Facebook*. Apesar de que o questionário esteve disponível apenas no *Facebook*, pode ter acontecido a transmissão via Bola de Neve. Nesse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade

de seleção de cada participante na pesquisa, justamente porque o link do questionário pode ter sido repassado de forma muito fácil, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados. (VINUTO, 2014).

Esse questionário teve como público-alvo estudantes de psicologia a partir de 18 anos e que estivessem cursando o sétimo semestre, pelo menos. Foram excluídos sujeitos que não possuíam a rede social *Facebook*, motivo que inviabilizou o acesso ao questionário, que estivessem cursando até a sexta fase de psicologia e menores de 18 anos.

Desse modo, o questionário contou com 4 itens fechados e 7 itens abertos e teve duração aproximada de 10 minutos. Foram abordados os temas relacionados a ‘identificação’ o que os acadêmicos de psicologia entendiam por valor social em psicoterapia, o que levaria o acadêmico a atender em psicologia por um valor social e a relação que os acadêmicos de psicologia fazem entre o valor de sua formação e o valor cobrado em seus honorários. Levando em consideração o tempo estabelecido para a coleta de dados pelo programa, participaram da pesquisa 52 respondentes do questionário.

Essa pesquisa foi analisada por um comitê de ética para que pudesse ser aprovada, já que coletaria informações diretamente com pessoas. Com relação aos aspectos éticos da pesquisa, é importante ressaltar que o Termo de Consentimento Livre (TCL) constou na página inicial do questionário, onde estavam presentes também os benefícios e riscos da pesquisa, a informação de que o participante poderia desistir da pesquisa a qualquer momento. Esta pesquisa não acarretou em nenhuma cobrança monetária dos participantes, bem como não ofereceu nenhum recurso financeiro em troca da participação. Entretanto, houve benefícios subjetivos em participar, já que além de conhecimento, essa pesquisa também estimulou o enfoque a uma conscientização social na atuação da psicologia. A pesquisa não implicou em riscos emocionais, mas pelo caráter interacional, pode implicar em desconforto no que tange à identificação dos participantes. Foi assegurado o sigilo dos dados, tendo em vista ausência de solicitação de identificação no formulário.

O método para análise dos dados foi por meio da estatística descritiva dos itens de caracterização e análise de similitude dos itens da associação livre. A análise de similitude é uma indicadora da estrutura do conjunto das palavras evocadas (CAMARGO e JUSTO, 2018). Para a realização desses métodos de análise de dados foi utilizado o software *IrAmUteQ*. Nos itens abertos, também foi realizado análise de conteúdo, entendendo o contexto do sentido das afirmações.

A formação de um profissional da psicologia é muito ampla e abrange muitos temas, que por sua vez não são inteiramente compreendidos ou bem esclarecidos, sendo assim, através dessa breve pesquisa, procurou-se apresentar uma conclusão mais específica a respeito do atendimento psicológico clínico em relação à valor social no honorário.

Discussão

O questionário de pesquisa foi elaborado e através do Formulário Google, foi disponibilizado para que os participantes, que se enquadravam nos critérios de inclusão, respondessem as questões. Foi um formulário com questões abertas e fechadas e que reservava a identidade de cada colaborador, permitindo que cada um pudesse ser o mais autêntico possível em sua opinião, expondo seu entendimento do assunto tratado, livre de qualquer julgamento a respeito da sua forma de pensar e manifestar.

Foram obtidas 52 participações, ou seja, 52 pessoas responderam o formulário, e desse total de participantes, 44 (84,6%) foram do sexo feminino e 8 (15,4%) do sexo masculino. Essa prevalência de mulheres na psicologia chama a atenção, segundo Figuerêdo e Cruz (2017), em uma pesquisa realizada, interpretaram que a profissão foi associada ao cuidado, típica função atribuída ao feminino. No que concerne à visão da Psicologia como uma profissão ‘feminina’, sabemos que, na sociedade brasileira, determinadas profissões foram construídas culturalmente ligadas ao cuidado, a exemplo da enfermagem, serviço social e psicologia, como se tal procedimento e assistência fossem atribuição e função típica e exclusiva das mulheres. Importante ressaltar que é escasso o material de pesquisa sobre essa questão, porém, isso também foi questionado pelos (as) participantes, que demonstraram criticidade na reflexão sobre o tema, o que expressa os tensionamentos e as perspectivas de mudanças envolvidas na formação inicial das novas gerações de psicólogos (as) (FIGUERÊDO, CRUZ, 2017).

É interessante destacar que no item idade foi muito vasto o intervalo, tendo participantes com 21 anos até outros com 62 anos. A maioria (9 pessoas) apresentou 21 anos (17,3%), 7 pessoas apresentaram 22 anos (13,5%), 5 pessoas tinham 23 anos (9,6%), 5 pessoas com 25 anos (9,6%), 4 pessoas com 29 anos (7,7%), 4 pessoas com 30 anos (7,7%) e as outras foram entre 24 e 62 anos. Chama a atenção que pessoas de meia-idade ou mais estão interessadas em uma formação acadêmica, e isso Amorim Silva e Neves (2017) nos apresentam que na meia-idade, a mudança de carreira pode estar associada ao processo de

desenvolvimento do indivíduo, representando o encontro com novos significados a trajetória de vida. O estranhamento de si e o sentimento de não ter percebido o tempo passar atravessam o sujeito que transita pela segunda metade da vida. Este momento é marcado por "inquietações" relacionadas ao processo de desenvolvimento interno que se confronta com as conquistas alcançadas em fases anteriores. A vida vai sendo sonhada e construída de acordo com a necessidade individual, só assim ela vai tendo sentido para cada pessoa, e por vezes, os sonhos não são possíveis no início da vida, é preciso planejar e se organizar para conseguir conquistar. O ingresso na universidade após os 40 anos é uma oportunidade de vivência de rica experiência simbólica de passagem e renascimento para outro lugar de posicionamento existencial (AMORIM SILVA, NEVES, 2017).

Dos 52 participantes, 15 (28,8%) estavam cursando a 8ª fase do curso de psicologia, 11 (21,2) a 7ª fase, 8 (15,4%) já estavam formados a mais de um ano, 7 (13,5%) estavam cursando a 10ª fase, 6 (11,5%) cursando a 9ª fase e 5 (9,6%) se formaram neste último ano.

A Instituição de Ensino ao longo da formação foi um dos questionamentos, com o intuito de saber como cada local abordava essa temática, sendo assim, apareceu que 35 (67,3%) dos participantes estudam ou estudaram na UNESC – Criciúma – SC, 9 (17,3%) estudam ou estudaram na ULBRA – Campus Torres – RS, 3 (5,8) estudam ou estudaram na UNISUL – Tubarão – SC, 2 (3,9%) estudam ou estudaram na ESUCRI – Criciúma – SC, 1 (1,9%) estuda ou estudou na FACOS – Osório – RS, 1 (1,9%) estuda ou estudou na UNICNEC – Osório – RS e 1 (1,9%) estuda ou estudou no Centro Universitário de Jaguariúna – SP.

A abordagem também foi o assunto de uma das questões, onde busca-se contribuir com a temática, visto que independente da abordagem esse assunto é muito importante na atuação profissional, sendo assim 14 (26,9%) dos participantes tem interesse na abordagem Psicanalítica, 14 (26,9%) dos participantes tem interesse na abordagem Teoria Cognitivo Comportamental, 9 (17,3%) dos participantes tem interesse na abordagem do Psicodrama, 7 (13,5%) dos participantes tem interesse na abordagem de Reich, 4 (7,8%) dos participantes tem interesse na abordagem Sistêmica, os demais se dividiram entre Existencialismo, Análise Transacional, Social e Analítica. De acordo com a pesquisa realizada por Bastos e Gomide (1989), é possível identificar que a fragmentação da Psicologia, enquanto área de conhecimento, reflete-se, inevitavelmente, na atuação profissional. Com os dados apresentados é possível observar a preferência da atuação com algumas abordagens em todo o território Nacional, porém essa escolha está muito mais ligada a preferência pessoal de

atuação e obtenção de um respaldo teórico com uma abordagem já procurada por identificação, do que alguma possível influência de práticas adotadas que interfira no valor cobrado na sessão terapêutica (BASTOS, GOMIDE, 1989).

A respeito do questionamento sobre o valor que pretendem cobrar por cada sessão no atendimento clínico, 26 (50,0%) dos participantes indicaram que cobram ou cobrariam entre R\$ 0,00 e R\$100,00, 23 (44,2%) pessoas participantes indicaram que cobram ou cobrariam entre R\$ 101,00 e R\$ 150,00 e 3 (5,8%) pessoas participantes indicaram que cobram ou cobrariam entre R\$ 151,00 e R\$ 200,00. Foi questionado de forma geral, pois muitos seriam os tipos de atendimento psicológico, inclusive existe uma tabela disponibilizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) que segrega esses atendimentos, inclusive com valores sugestivos, levando em consideração um mínimo, médio e máximo, conforme o quadro a seguir:

Tabela de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos em Reais (R\$) Valores Atualizados pelo INPC-IBGE até Agosto de 2020*			
Diagnóstico Psicológico	Limite Inferior	Limite Média	Superior
Consulta Psicológica	165,58	247,49	283,87
Anamnese	165,58	239,76	283,87
Elaboração de perfil profissiográfico	141,94	244,46	331,23
Avaliação de desempenho escolar e aprendizagem	141,94	244,00	283,87
Avaliação Psicológica	189,24	236,56	309,87
Avaliação das características psicológicas esportivas	165,58	249,20	307,52
Avaliação de prontidão para alfabetização	165,58	247,37	307,52
Avaliação de nível intelectual	141,94	251,51	283,87
Avaliação Psicomotora	141,94	246,80	283,87
Avaliação Psicomotora Relacionada ao Grafismo	141,94	244,32	283,87
Avaliação das características da personalidade	141,94	266,90	293,31
Avaliação da estrutura e dinâmica da personalidade	165,58	276,98	312,24
Entrevista devolutiva	165,58	238,52	283,87
Observação de campo com visita escolar e domiciliar	175,03	236,56	283,87
Atuação junto à comunidade	82,81	197,48	283,87
Realização de exames psicológicos (psicotécnicos)	104,10	194,15	283,87
Realização de avaliação psicológica p/ Carteira Nacional de Habilitação	153,60	192,01	230,39
Realização de avaliação psicológica p/ concessão de registro e/ou porte de arma de fogo	307,07	511,78	716,48

Figura 1- Retirada do site do Conselho Federal de Psicologia

Essa é apenas uma parte da tabela, e fica muito claro que o valor mínimo (limite inferior) é maior do que o valor que 50% dos participantes responderam que cobram ou cobrariam na sessão terapêutica. Levando em consideração o custo de vida das pessoas em cada região, fica muito difícil atribuir esses valores sugeridos, o que pode reforçar a ideia de que a psicologia é elitista.

Outra questão era se ao longo da formação na graduação já havia recebido algum tipo de instrução ou esclarecimento a respeito do honorário a ser cobrado e suas práticas, 28 (53,8%) dos respondentes assinalaram que ‘sim’, que já haviam recebido algum tipo de

orientação, enquanto 24 (46,2%) responderam que ‘não’ haviam recebido esse tipo de informação. O processo de definição de honorários dentro da prática clínica mostra-se uma temática de relevante importância para o processo de desenvolvimento da formação de um psicoterapeuta, visto que uma boa parte dos participantes da pesquisa afirmaram não ter conhecimento do assunto em sua formação acadêmica, trazendo como acentuada a ideia de rever o currículo do curso de psicologia.

De acordo com a pesquisa desenvolvida por De Oliveira e Malgarim (2013), o valor monetário, ao ser introduzido na psicoterapia, pode passar a ser o elemento integrante do manejo da transferência e permite que as questões unidas a esse significante possam ser abordadas durante o processo terapêutico. Durante o processo de estágio em clínicas-escolas, geralmente adotam a gratuidade do atendimento psicoterápico como prática usual, quando existe a cobrança de honorários, o valor é simbólico e o pagamento é efetuado para funcionários. Em qualquer das situações o estagiário não vivencia ou passa somente por uma etapa da cobrança, não conseguindo integrar esta premissa como parte integrante do aprendizado. Ressalta-se a necessidade de refletir sobre o assunto, principalmente no meio acadêmico para que se integre o tema na formação do psicólogo, para que o profissional em formação possa compreender a importância da cobrança de honorários pelas sessões realizadas e para a autovalorização de seu trabalho, por ter prestado um serviço (DE OLIVEIRA, MALGARIM, 2013).

Quando questionados sobre o que pensam sobre o atendimento clínico à preço social a maioria dos participantes (38 respostas) trouxeram favorabilidade baseada na ideia de que durante a graduação tiveram dificuldades financeiras para fazer a psicoterapia, bem como à ideia do compromisso social da profissão, que pretende abranger não apenas a elite, mas toda a população. Segue trecho de resposta que exemplifica o exposto: *“Algo muito importante para pessoas que necessitam de atendimento clínico e não tem condições de arcar com as despesas e desfrutar de um atendimento com profissional qualificado e que vai de encontro com a humanização em pensar em todas condições financeiras das pessoas.”*

Levando em consideração a pesquisa realizada por Nunes e Souza (2018), os acadêmicos de Psicologia, contribuintes dos dados da pesquisa, concordam sobre a importância do “olhar para si”, colocando-se no lugar de paciente, tendo suas demandas acolhidas e assim acolher as do outro, porém o estudo identificou que 84,4% dos estudantes não realizaram psicoterapia pessoal em algum momento da graduação. A adoção pessoal de psicoterapia é considerada cara por 71,1% da amostra e 95,6% afirmaram que fariam uso do

recurso caso fosse gratuito e 88,9% consideram que seria adequado para sua formação. O serviço de psicoterapia dentro da graduação seria de considerável relevância, devido às dificuldades financeiras e as realidades psíquicas enfrentadas (NUNES, SOUZA, 2018).

O atendimento à valor social também foi apresentado como forma de propiciar o ingresso do psicólogo clínico no mercado: *“Acredito que seja uma iniciativa muito interessante para os dois lados, a quem tem necessidade de atendimento psicológico e para o psicólogo que dessa forma pode iniciar sua carreira e proporcionar esse atendimento a muito mais pessoas”*.

Por muito tempo a área clínica, independente da instituição formadora de origem, caracteriza-se pela atuação em consultórios particulares, como trabalhos de tempo parcial onde a psicoterapia é a atividade largamente dominante, predominando o atendimento a pessoas adultas de classe média. A não construção de modelos de atuação mais apropriados à população do seu país e às conjunturas de crise que parecem permanentes pode ser um agravante nesse avanço de atendimento (BASTOS, 1990). Entretanto, apesar da favorabilidade ao atendimento à valor social, há respostas que chamam atenção para infração ética no uso do preço social como forma de marketing: *“Acredito ser uma forma de alcançar aqueles que, muitas vezes, não têm condições financeiras de ter atendimento psicológico. No entanto, deve-se ter cuidado para que o preço social não se torne uma forma de propaganda para atrair pacientes, como o próprio Código de Ética nos orienta.”* Corroborando com o que o Código de Ética do Psicólogo apresenta, no Artigo 20 diz que o psicólogo, ao promover publicamente seus serviços, por quaisquer meios, individual ou coletivamente não utilizará o preço do serviço como forma de propaganda, sendo assim o valor social não deve ser usado para benefício de aderir clientela e sim uma preocupação com a realidade financeira brasileira (CFP, 2005).

Em relação à desfavorabilidade, 12 participantes responderam discordar do valor social no atendimento psicológico. Os participantes apontam a desvalorização da profissão decorrente da prática, bem como a necessidade de valorização do tempo e dinheiro investidos durante a formação: *“Desvaloriza a profissão, a formação, está abaixo do piso estipulado pelo CFP. Há outras formas de desenvolver trabalhos acessíveis que não envolvam psicoterapia.”* Essa prática pode carregar uma resistência de aceitação, talvez este não seja um problema específico da psicologia já que reina no Brasil, uma desordem absoluta em termos de remuneração da força de trabalho, com desequilíbrios gritantes tanto em nível regional quanto em relação ao valor da remuneração, como função da qualificação do profissional. São

distorções históricas que têm se acentuado absurdamente nos últimos anos em função da política econômica que tem sob controle, apenas, os salários. Centenas de psicólogos continuam sendo formados para prestar o mesmo tipo de serviço que caracteriza a sua atuação desde a regulamentação da profissão, num contexto socioeconômico de crise, que reduz drasticamente a demanda e oportunidades de emprego. Talvez, não tenhamos claro, sequer, que caminhos alternativos devem ser percorridos, que atividades inovadoras devem ser desenvolvidas, enfim, que modelo novo de profissional deve ser oferecido à sociedade, confundindo assim uma nova prática com a desvalorização da profissão (BASTOS, 1990).

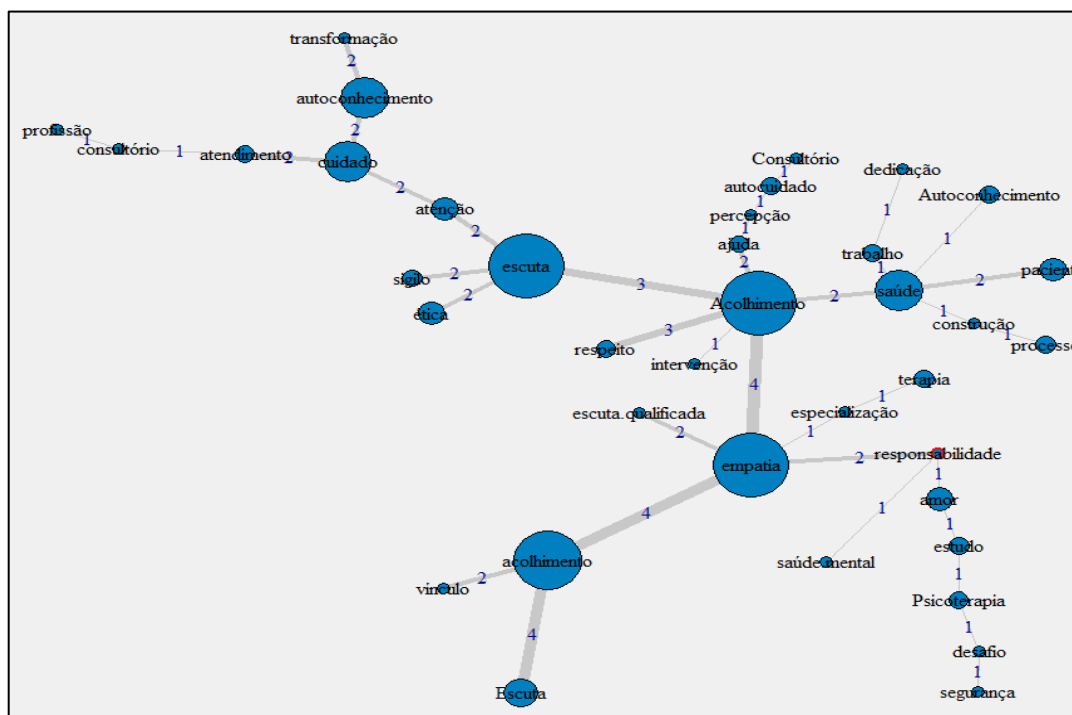
Há também posicionamentos de desfavorabilidade, tendo a compreensão que atendem à valor social psicólogos que tem medo de não ter pacientes e que os pacientes em situação de vulnerabilidade social teriam acesso à psicoterapia via município ou projetos: *“Tenho visto que a maioria dos psicólogos tem cobrado preço social por medo de não terem clientes/pacientes, por não acreditarem no próprio trabalho e/ou por não entenderem a psicologia como uma profissão digna de reconhecimento. Penso também que as pessoas que não têm acesso ao atendimento particular podem recorrer as universidades ou postos de saúde”*.

Duas respostas com um posicionamento neutro, contextualizando que o atendimento à valor social deve considerar a realidade do psicoterapeuta e do cliente: *“É necessário, embora seja pouco, outras vezes mais (dependendo do público). Mas é uma questão importante, afinal, todos os profissionais dependem de seu trabalho para o seu sustento pessoal. É uma recompensa por todo trabalho e estudo realizado, e assim como a terapia é importante para o paciente, os honorários são de certa forma importantes na relação de ambos.”*

Juntando essas duas informações, estamos diante de um outro fator inseparável que impõe limites: a incapacidade da categoria para gerar esses modelos alternativos com o necessário impacto. A carência de profissionais dedicados à pesquisa, a formação acadêmica em larga medida dissociada da investigação, têm como consequências não só a precária qualidade dos serviços prestados, mas a não construção de modelos de atuação mais apropriados à população do seu país e às circunstâncias de crise que parecem permanentes. Salientando a distorção de pensamentos e a falta de conscientização, onde cobrar um valor social não é desvalorizar a profissão e sim apresentar um olhar voltado a realidade financeira da população, visto que o intuito de um profissional da psicologia é oferecer melhor qualidade de vida à população através de uma boa qualidade da saúde mental (BASTOS, 1990).

De forma subsequente os participantes foram convidados a associarem 5 palavras que vinham à mente quando pensavam em atendimento à valor social e seguiu-se com a análise de similitude, conforme figura 2.

Figura 2 - Análise de similitude gerada pelo programa IRaMuTeQ 0.6.



Em relação ao termo indutor valor social foram evocadas 250 palavras, com 69 contextos de sentido diferentes. Para análise de similitude foram contabilizadas palavras com no mínimo duas ocorrências. Na figura acima consta a árvore de ligações entre as palavras (coocorrências). As palavras cujo círculo estão maiores apresentam um maior número de conexões e frequência.

Assim, quando pensam em valor social os participantes se remetem à acolhimento, que se encontra vinculado à respeito, intervenção, escuta, empatia, saúde e ajuda. Portanto, o valor social parece como uma forma de intervenção, escuta e ajuda do profissional de psicologia em respeito àqueles que não dispõem de recursos financeiros, mas que igualmente almeja o cuidado da saúde. Sendo essa saúde associada à construção, autoconhecimento e trabalho.

A empatia, na condição de se colocar no lugar do paciente sem recursos financeiros parece vinculada à escuta qualificada, responsabilidade, especialização e acolhimento.

Estando o acolhimento associado ao vínculo e à escuta. Nesse sentido, o psicólogo deve se colocar no lugar do paciente, apresentando responsabilidade social, mas os participantes destacam também a importância de se considerar a especialização e terapia do psicólogo como um investimento financeiro que precisa ser avaliado na hora de deliberar sobre valor social.

O acolhimento, por sua vez, parece relacionado à ajuda, está à percepção, enquanto a percepção parece vinculada ao autocuidado e o autocuidado ao consultório. Portanto o valor social surge como uma forma de oferecer ajuda e estimular o autocuidado no consultório, em vista da busca por um processo autônomo na manutenção da saúde mental. O que se reforça ao percebermos que a palavra ‘cuidado’ parece se vincular à autoconhecimento e atendimento.

Por fim, a escuta parece relacionada à ética, sigilo e atenção, ou seja, para os participantes, mesmo com a cobrança do valor social, todos os cuidados éticos devem ser preservados, pois mantém a qualidade do atendimento.

Toda essa representatividade do Valor Social no atendimento psicológico clínico, expresso por essas palavras, retrata a grandiosidade que a Psicologia Social pode oferecer dentro da profissão. Desmistifica a ideia atrelada de qualidade de serviço versus valor econômico cobrado, pelo contrário, reforça o que expõe a pesquisa de Bock *et al* (2007), o psicólogo social não seria somente aquele que trabalharia com problemas ou situações de caráter social ou grupal. Um psicólogo clínico (em atendimento individual, em consultório particular), seria também um psicólogo social. Para isso, bastaria que ele procedesse em seu trabalho ao exercício de contextualização do seu cliente no seu momento social e histórico. Sendo assim, podemos ver a grande significância da Psicologia Social dentro da Psicologia.

Com o intuito de produzir uma Psicologia Social que reconhecesse o caráter histórico dos fenômenos sociais e humanos e a pessoa como sujeito ativo e histórico, a Prof. Sílvia Lane, batalhou de forma incansavelmente para poder contribuir e apresentar uma nova perspectiva de Psicologia Social, seu propósito maior era desenvolver uma psicologia que contribua com a transformação da sociedade. Embora o caráter social esteja muito ligado ao financeiro, precisamos entender que vai além, pois o olhar social é o olhar que busca compreender a realidade da sociedade nas múltiplas faces. Diante do reconhecimento de que a Psicologia se desenvolveu quase sempre sem atentar para as necessidades, virtudes e problemas vividos pela maioria da população brasileira, o contexto a que se deveria dar atenção é o contexto econômico, histórico e social onde vivem os brasileiros. Neste sentido é

que a expressão “toda a psicologia é social” ganha uma possibilidade de compreensão fértil para o projeto de construção de uma psicologia social efetivamente adequada aos povos brasileiro e latino-americano (BOCK, *et al*, 2007).

Entre as principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais, na pesquisa de Ferreira (2010), a América Latina, tem aderido cada vez mais à Psicologia Social Crítica, que se preocupa basicamente com os problemas sociais, procurando assim desenvolver um saber autônomo e capaz de compreender tais fenômenos (FERREIRA, 2010).

Se assumirmos que a transformação social só se dará eticamente, quem mais do que nós, psicólogos, tem essa arma na mão? É exatamente esse pensar ético que deve estar presente onde o psicólogo estiver atuando. (Lane, 2000). (BOCK, *et al*, 2007, p. 53).

Acolhimento, empatia, qualidade de serviço, mudança, entre tantas outras palavras de preocupação com o bem-estar do outro que o valor social pode alcançar. Coerente com a visão de que o conhecimento e a intenção prática em relação ao objeto não se separam, Sílvia Lane nos deixou desafios: avançar na pesquisa sobre a maneira como os indivíduos se implicam ou não com sua própria realidade, isso é compromisso ético de quem se dedica à Psicologia (BOCK, *et al*, 2007).

Considerações Finais

Usando o próprio conhecimento que a Psicologia tenta, cada vez de forma mais clara e com mais propriedade, apresentar no mundo científico, destaca-se a importância do compreender para poder evoluir, poder ampliar, melhorar e aperfeiçoar através das informações a maneira de atuação profissional ou comportamento pessoal.

Com a pesquisa realizada, foi possível alcançar os objetivos propostos, e isso gera ainda mais possibilidades de pesquisa, visto que ao longo da produção encontrou-se uma certa dificuldade em acessar materiais com essa temática, reforçando que é um campo da psicologia que merece atenção e que precisa ser explorado.

A compreensão de valor social, vai muito além do valor cobrado em honorário ou de valorização/desvalorização da profissão, essa representação afeta os profissionais em atuação e mesmo os que ainda estão em formação, que conseqüentemente, levam essa ideia no momento que iniciam a vida profissional. Portanto, novas pesquisas são necessárias acerca da formação do futuro psicólogo e sua relação com a cobrança dos honorários, bem como

intervenções durante a graduação, visando ampliar os conhecimentos das realidades sociais diante da atuação profissional futura.

Nesse sentido é importante destacar e salientar que a Psicologia tem um compromisso com a sociedade, contribuir com o seu desenvolvimento e aumentar a qualidade de vida através da saúde mental. Sendo assim, torna-se imprescindível que tenha-se esse olhar para a realidade das pessoas de acordo com a sua cidade, localidade, região, cultura, classe econômica, desenvolvimento educacional, ou seja, as peculiaridades que envolvem cada ser humano ou grupo.

Necessário e de grande relevância pontuar que o profissional da psicologia precisa ter a conscientização de que, quando se coloca a serviço dessa profissão, precisa estar disposto a olhar o todo, ver o sujeito em sua integralidade para que possa oferecer um serviço de qualidade e com competência, fazendo com que o reconhecimento apareça através da eficácia, do resultado e não apenas do honorário. Desta forma, a sua valorização e também da profissão serão ampliadas.

Referências

AMORIM SILVA, Marcia Aparecida Lopes; NEVES, Simone Rodrigues. Escolha profissional na meia-idade: Psicologia e individualização. *Junguiana*, 2017, 35.2: 23-36.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. *Psicologia: ciência e profissão*, 1989, 9.1: 6-15.

BASTOS, Antônio Virgílio P. Mercado de trabalho: Uma velha questão e novos dados. *Psicologia: Ciência e profissão*, 1990, 10.2-4: 28-39.

BOCK, Ana Mercês Bahia, et al. Sílvia Lane e o projeto do " Compromisso Social da Psicologia". *Psicologia & Sociedade*, 2007, 19.spe2: 46-56.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de psicologia*, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.

CAMARGO, Brigido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. Tutorial para uso do software IrAmUteQ. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – UFSC. Florianópolis, 2018.

CARNEIRO, Agda Regina Vieira; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa; BARBIÉRI, Elaine da Silva Ferretti. Representações sociais de estudantes universitários sobre dinheiro. *Psicologia da Educação*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, n. 43, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Ago/2005. Brasília. 17 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Tabela de Honorários das (os) Psicólogas (os)**. 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/servicos/tabela-de-honorarios/>> Acesso em: 10 out. 2020.

DE OLIVEIRA, Ana Lúcia Martins; MALGARIM, Bibiana Godoi. Aprendizagem de cobrança de honorários durante o estágio em psicologia nas clinicas escola. FANDERGS. 2013

FERREIRA, Maria Cristina. A Psicologia Social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2010, 26.SPE: 51-64.

FIGUERÊDO, Raiza Barros de; CRUZ, Fatima Maria Leite. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. *Revista Estudos Feministas*, 2017, 25.2: 803-828.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. Psicologia Comunitária: atividade e consciência. Editora Instituto Paulo Freire do Ceará, 2005.

GROSS, Camile; TEODORO, Maycoln LM. A cobrança de honorários na prática clínica. *Psicologia Clínica*, 2009, 21.2: 315-328.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. *Estudos de psicologia*, 1996, 2.1: 7-27.

NUNES, Rosângela de Mello Owicki; SOUZA, Marjane Bernardy. A Terapia como Extensão na Formação do Acadêmico em Psicologia. *ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA*, 2018, 12.42: 56-69.

SCHRAIBER, Lilia Blima. Quando o 'êxito técnico' se recobre de 'sucesso prático': o sujeito e os valores no agir profissional em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2011, 16: 3041-3042.

SINGER, Paul. O combate à pobreza e suas vítimas. *Bahia Analise & Dados, SEI, Salvador*, 2002, 12.1: 21-23.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 2014, 22.44: 203-220.



APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO

ITENS DE IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: () Masculino () Feminino

Idade: ____ anos

Fase do curso:

() 7ª fase () 8ª fase () 9ª fase () 10ª fase () formado (a) neste último ano ()

formado (a) a mais de 1 ano

Instituição de Ensino: _____

(Indique o nome e de que estado é)

Abordagem de interesse:

QUESTÕES:

Questão 1) Escreva as 5 palavras que vem à cabeça quando pensa em “psicologia clínica”.

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

Questão 2) Escreva as 5 palavras que vem à cabeça quando pensa em “honorários na clínica”.

1 _____ 2 _____ 3 _____

4 _____ 5 _____

Questão 3) Qual o valor que pretende cobrar na sessão de psicologia clínica?

0,00 – 100,00 101,00 – 150,00 151,00 – 200,00 201,00 – 250,00 acima de 251,00.

Questão 4) Qual seria sua opinião sobre o atendimento psicológico clínico a preço social? _____

Questão 5) Durante a formação você obteve esclarecimentos ou algum tipo de instrução a respeito do honorário a ser cobrado e suas práticas? sim não

Questão 6) O que destaca como importante em relação a esse tema: Honorário no Mercado de Trabalho do Psicólogo (a)? _____



Como citar este artigo (Formato ABNT):

LUMERTZ, Ivan Castilhos; CASTRO, Amanda. O Valor Social no Atendimento Psicológico Clínico. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 628-647, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 21/12/2020;

Aceito 26/10/2021;

Publicado em: 31/10/2021.